

A ESCRITA COMO MARCA DO SUJEITO

Carla Cervera Sei¹

RESUMO:

Este escrito pretende pensar, a partir de um recorte da obra literária “Infância”, de Graciliano Ramos, o lugar que a aprendizagem da escrita pode ter para o sujeito. Desde a psicanálise, aprender a escrever não se trata apenas de aprender uma técnica que faz corresponder um som a um signo. Há um caminho subjetivo a se percorrer. O sujeito é constituído a partir das marcas psíquicas nele inscritas e é a partir destas marcas que ele irá marcar o papel. Graciliano, ao fazer uso da escrita como uma linguagem, pode expressar suas angústias, suas fantasias, seus personagens e a si mesmo. Pode tramar palavras e compor histórias. Pode habitar o papel, colocar coisas próprias nele, podem, enfim, deixar sua marca.

PALAVRAS CHAVE: escrita, infância, escrita inconsciente, literatura, educação

¹Psicanalista, especialista em clínica com ênfase em Psicanálise pela UFRGS, membro da APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), graduada em Filosofia com mestrado em Filosofia Antiga pela PUC/SP. Endereço: Rua Taquara, 386, sl 405. Petrópolis, Porto Alegre, RS. Tel. 0xx51- 91154873/ Email: vivacarla@terra.com.br

A leitura da obra de Graciliano Ramos, “Infância”, vem há tempos exercendo sobre mim uma forte influência. Desde um complexo de sentimentos e emoções provocado pelo seu conteúdo até uma série de questões e reflexões acerca da educação, saber e infância.

Já de início, o título do livro, composto de uma só palavra, infância, coloca-se como um significante repleto de sentidos e no lugar de uma falta. Falta que diz de uma incessante busca sobre compreender a infância, seus desdobramentos, sua inserção no social, na história e tudo o que daí possa derivar.

Teriam muitos temas nessa obra tão recheada, tão viva, tão forte sobre os quais se poderia refletir. Questões acerca da instituição escolar, do ensino-aprendizagem, da história da educação com seus grandes pensadores como Montessori, Piaget, Vigotsky, Rudolf Steiner, da infância dentro dos muros da escola, do lugar da criança na sociedade.

Mas quero, neste momento, deter-me na questão da aprendizagem da escrita e da leitura, mais especificamente, na importância de aprender as letras e o que isso pode significar para um sujeito.²

Em seu livro “Nacimiento y Renacimiento de la Escritura”, Gérard Pommier (1996) diz que mesmo tendo aprendido a escrever na escola, mesmo tendo dominado essa técnica, não tem como escapar da angústia frente a uma folha em branco: “... não superarei a angústia da folha em branco graças a uma técnica aprendida” (p. 7).

Assim ele começa seu livro, marcando de início que aprender a escrever está para além de aprender uma técnica ensinada na escola.

A escola e as teorias da aprendizagem consideram os aspectos epistêmicos e as condições cognitivas e sociais para aquisição da leitura e da escrita. Porém, nem sempre consideram o fato de sermos antecidos pela linguagem e os efeitos concernentes disso. Somos marcados pela linguagem e é a partir destas marcas que marcamos o papel. Rodrigues (2003) nos ensina que “a escrita é produtora e sua aquisição se dá a

² Com certeza, não posso responder o que significou para Graciliano a sua entrada na escrita, mesmo ele tendo se tornado uma importante figura da literatura brasileira. E nem seria essa a minha intenção. Como nos aponta Chemama em “O demônio da interpretação” (2002) há uma forte relação entre literatura e psicanálise, porém não se trata de interpretar a produção do escritor como se interpreta um sintoma neurótico. Não se trata de reduzir a obra de um autor à sua patologia ou de buscar em seu texto o sentido oculto que a psicanálise poderia descobrir. Trata-se antes de considerar os poetas e romancistas como preciosos aliados no conhecimento da alma.

partir do que temos inscrito em nosso inconsciente acerca dos objetos, ou seja, a escrita será a produção única do sujeito, sua marca, sua letra” (p. 48). Nessa mesma direção citamos Kupfer:

“A base da escrita alfabética está no escrito inconsciente, isto é, nesse sistema de marcas inconscientes que rege o funcionamento do aparelho psíquico, inicial, fundamental. Esse escrito está na base das manifestações do sujeito do inconsciente; um sujeito pode surgir falando, desenhando, sonhando, fazendo lapsos e... escrevendo.” (KUPFER, 2007, citado por LERNER, 2008, p. 145).

Trago então, alguns pontos de reflexão e questionamento produzidos a partir de um recorte deste livro autobiográfico, de Graciliano Ramos, chamado “Infância”.

Aqui, a aquisição da escrita se apresenta por um testemunho literário do seu autor.

“Infância” é um livro que traz a possibilidade de enveredar por muitos temas. O autor, ao escrever sua autobiografia, nos fala de uma época, de uma história, de um lugar, de um povo. É o retrato do nordeste e das condições de vida num determinado momento da história.

Dentre inúmeras passagens repletas de beleza e tristeza da infância de Graciliano Ramos, no sertão agônico de Pernambuco, ele nos conta também sobre sua entrada no mundo das letras.

Graciliano era uma criança tímida, frágil, submissa, observadora, quieta, que procurava não incomodar ninguém. Longe de ter uma infância feliz e amena, o que Graciliano viveu foi uma infância de descaso, brutalidade, asfixia, de ferrenho regime de um patriarcado rigoroso e cego, fechado a quase qualquer compreensão e simpatia mais humana e generosa. O ambiente doméstico era difícil e hostil e não havia nenhuma generosidade, nenhuma simpatia ou mão estendida que o auxiliasse a entrar em contato com o mundo exterior. Em meio a tanta brutalidade, o medo tomava conta dessa criança em muitas situações. Ele relata, em várias passagens, que o medo constantemente tingia-lhe o olhar, esvaziava-lhe a mente e o paralisava. O medo o entorpecia, provocava-lhe enjoo, tapava-lhe os ouvidos, imobilizava as suas ideias.

Aprender a ler e a escrever surge na infância de Graciliano com uma promessa do pai. Este, ao notar que Graciliano está olhando um caderno “coberto de borrões, nódoas e riscos semelhantes aos dos jornais”, pensa que o filho está interessado nas letras e pergunta se ele quer aprender a ler e escrever e tornar-se um sujeito sabido. A consulta do pai deixou o menino intrigado, afinal nunca lhe perguntavam nada. Essa

liberdade de optar por algo causou-lhe desconfiança, mas ele deixou-se persuadir, sem muito entusiasmo, esperando que os garranchos do papel lhe dessem as qualidades necessárias para livrar-se de pequenos deveres e pequenos castigos. Decidiu aceitar a proposta do pai, porém, o que se iniciou foi uma tortura. O pai é quem lhe ensina as primeiras letras com muita rudeza e violência, marcando a carne do filho com sangue. Uma vez por dia, o grito severo do pai chamava-lhe para a lição e ele ficava gelado, a língua fugia aos dentes, engrolava ruídos confusos. Tinha o coração desarranjado, a garganta seca, a vista escura. Era impossível contentar o pai, e “dentro de algumas horas, de alguns minutos, a cena terrível se reproduziria: berros, cólera imensa a envolver-me, aniquilar-me, destruir os últimos vestígios de consciência, e o pedaço de madeira a martelar a carne machucada” (RAMOS, 2008, P. 93).

O pai ensina-o de forma tempestuosa, impiedosa, severa, aos berros e com imensa cólera, fazendo as letras entrarem em sua cabeça a ferro e fogo, lágrimas e sangue, marcando suas mãos suadas com o côvado.

O aprendizado das letras não fazia sentido algum para o menino. Como entender o que esses borrões queriam dizer?

A preguiça é a chave da pobreza.
Quem não ouve conselho raras vezes acerta.
Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém. Esse Terteão para mim era um homem [...]
“- Mocinha, quem é o Terteão?” (RAMOS, 2008, p. 93).

Aprender era um tormento. Condenando a tarefa odiosa, arrastava-se, desanimado, o menino. O folheto com as letras esfarelava-se, embebia-se em suor, a lembrança do côvado arregalava-lhe os olhos. A leitura do folheto ia aos poucos entorpecendo-o, a cabeça inclinava-se, os braços esmoreciam, entre bocejos e cochilos, gemia as letras. O sono era forte, o enjoo enorme tapava-lhe os ouvidos, prendia a fala, as coisas ao redor mergulhavam em escuridão, as ideias se imobilizavam. Atordoamento, preguiça, desespero, vontade de acabar-se.

Por fim, o pai desiste de ensinar o filho e este vai para escola.

A entrada do menino na escola é marcada por um rito de higiene, nunca antes acontecido: “Lavaram-me, esfregaram-me, pentearam-me, cortaram-me as unhas sujas de terra” (RAMOS, 2008, p.98). Vestiram-lhe com roupa nova, sapato, gorro de palha, deram-lhe folhas de almanaque numa caixa, penas, lápis, uma brochura de capa amarela e o levaram para escola. Graciliano, que vivia em total abandono, falta de atenção e

cuidados, é visto e cuidado ao ir para escola. Porém, sua passagem pela escola não foi menos desastrosa:

“Aos sete anos, no interior do Nordeste, ignorante da minha língua, fui compelido a adivinhar, em língua estranha, as filhas do Mondego, a linda Inês, as armas e os barões assinalados... abominei Camões” (RAMOS, 2008, p. 111).

“O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício, uma crucificação... não há prisão pior que uma escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram” (RAMOS, 2008, p. 169).

Ao finalizar os primeiros estudos, a professora de Graciliano enviou um bilhete pedindo um segundo livro ao seu pai. Esse pedido da professora dizia do andamento da criança na escola, do seu progresso. Um pedido que diz ao pai sobre seu filho, sobre a aposta que ele fez no filho. O pai parece alegrar-se com isso e presenteia Graciliano com uma pipa e um toucinho no jantar, marcando esse momento na memória do filho. E o autor diz: “retalhos de felicidade chegaram-me” (Ramos, 2008, p. 106).

Graciliano passa três anos nesse difícil aprendizado e aos nove anos ainda não dominava as letras.

Porém, algo de muito importante acontece numa noite, quando o pai manda que o filho busque seu livro e leia para ele. E o menino lê “mastigando as palavras, gaguejando, gemendo uma cantilena medonha, indiferente à pontuação, saltando linhas e repisando linhas” (RAMOS, 2008, p. 169).

O pai, então, pergunta-lhe se estava entendendo o que lia. Resume para o filho a parte já lida explicando que se tratava de um romance, de um casal com filhos que andava numa floresta, em noite de inverno, perseguido por lobos e cachorros selvagens:

Traduziu-me em linguagem de cozinha diversas expressões literárias [...] uma luzinha quase imperceptível surgia ao longe (...). Recolhi-me preocupado: os fugitivos, os lobos e o lenhador agitaram-me o sono. Dormi com eles, acordei com eles. As horas voavam. Alheio à escola, aos brinquedos de minhas irmãs, à tagarelice dos moleques, vivi com essas criaturas de sonho, incompletas e misteriosas (RAMOS, 2008, p.170).

Na noite seguinte, o pai novamente lhe chama para ler e a cena se repete, com leitura e explicações. Na terceira noite, o menino empolgado já vai buscar o livro antes mesmo de o pai pedir, mas este já está longe, carrancudo e o afasta com um gesto. O menino fica muito decepcionado, mas ao refletir, achou que o mal tinha remédio. Pede ajuda à prima. Mas essa lhe pergunta por que não se arriscava a tentar a leitura sozinho. O menino justifica-se por ser bruto em demasia, mas a prima combateu sua convicção. Se os astrônomos liam no céu, percebiam tudo o que há no céu, por que ele não

conseguiria adivinhar a página aberta diante de seus olhos, por que não conseguiria distinguir as letras, reuni-las e formar palavras? Ramos (2008) então nos escreve: “E tomei coragem, fui esconder-me no quintal, com os lobos, o homem, a mulher, os pequenos, a tempestade na floresta, a cabana do lenhador (p. 172).

Aprender a ler e a escrever foi, para Graciliano, um lento, duro e brutal caminho, assim como suas vivências de infância. O pai do menino, sujeito rude e violento, tem uma participação que parece fundamental nessa aquisição. O pai promete que ele será como os doutores (ter-te-ão por alguém) se dominar os rabiscos que vê nos livros, promessa que soa muito estranha (o que é Terteão?) aos ouvidos da criança. O pai ensina as letras marcando a carne do filho com sangue. Mas também é o pai quem abre uma fresta da porta da fantasia, que encanta o menino. Essa fresta que se abre e que parece tão fugaz e ao mesmo tempo tão distinta de tudo o que o menino recebia dos adultos faz diferença na relação dele com a escrita, com o saber, permitindo adentrar nesse mundo das letras.

Graciliano torna-se um grande escritor, ao que nos perguntamos: a promessa do pai se cumpriu em sua vida? De que formas ele foi marcado em sua infância e que marcas deixou em sua obra? Os fios dolorosos e complexos, cinzentos, tristes e asfixiantes tecidos em sua infância, que aparecem disseminados em toda a sua obra, seriam as marcas da escrita que nele se inscreveram?

Que conflitos ele teve que enfrentar nos lugares onde se alojou subjetivamente, até aprender a escrever? Que função teve o pai ao “traduzir”, ao dar sentido à leitura gaguejante do filho?

Graciliano, ao falar de seu avô paterno, dirá que ele lhe legou a vocação absurda para coisas inúteis. O avô tinha a solitária tarefa de confeccionar urupemas (cestos). Trançar urupemas é como traçar letras no papel, atividades parecidas, nas quais prevalece o ato de fazer manualmente, a lida artesanal, paciente como uma obstinação concentrada. Trançar as fibras vegetais para compor as urupemas ou tramar as palavras para compor histórias revela a imperiosa necessidade de expressão que o avô e o neto compartilhavam.

Lacan, no seminário da Ética (2008), faz referência à Heidegger e nos lembra que o filósofo, ao falar sobre *das Ding*, desenvolve sua dialética em torno de um vaso. Heidegger mostra que, contrariamente a uma tradição que surge com Aristóteles e avança até o discurso científico, o vaso não se cria a partir da matéria, mas em torno de um vazio.

O vaso de Heidegger nos fala sobre o fato de toda criação ser sempre uma criação *ex nihilo*, isto é, a partir do nada, em torno do nada.

Graciliano, que dentre várias obras escreveu “Angústia”, aprendeu com seu avô que trançava cestos, a dar contorno ao vazio, tramando palavras.

Desde a psicanálise, aprender a escrever não se trata apenas de aprender uma técnica que faz corresponder um som a um signo. Há um caminho subjetivo a se percorrer. O sujeito é constituído a partir das marcas psíquicas nele inscritas e é a partir destas marcas que ele irá marcar o papel.

O aparelho psíquico põe em jogo a escrita que nele se inscreve. Daí se tomar a estruturação da subjetividade como uma escrita psíquica.

Podemos dizer que a escrita, assim como outras formações do inconsciente, tem uma origem comum que é a própria estrutura do inconsciente, pois é a partir do escrito inconsciente que se organizam as demais escritas: o sonho, o desenho e a escrita alfabética.

A escrita alfabética não é um modo de representação da fala que tem como função única a comunicação. Ela é, assim como a própria fala, um modo da linguagem acontecer no sujeito. Por guardar relações diretas com a escrita inconsciente, a psicanálise atribui à escrita alfabética o estatuto de uma produção do sujeito. O trabalho no âmbito da escrita alfabética se oferece como uma alternativa possível ao sujeito para que ele siga, retome a sua constituição, para que ele possa se dizer.

Graciliano torna-se um grande escritor e recebe prêmios por seus livros.³ De alguma forma a promessa do pai se cumpriu em sua vida. Promessa reveladora de um desejo paterno. Desejo de que seu filho fosse tido por alguém.

O autor nos diz, quando estava tomado pela cegueira, a oftalmia, uma doença que lhe perseguiu na infância: “Na escuridão percebi o valor enorme das palavras”. (RAMOS, 2008, p.122)

Para elaborar a dor há que se tecer um discurso, construir uma história. O que demanda risco, tempo e coragem. Nesta obra, Graciliano conta sua história, fala de suas dores, busca sentidos, recria seu mundo: “Acordei, reuni pedaços de pessoas e de coisas, pedaços de mim mesmo que boiavam no passado confuso, articulei tudo, criei o meu pequeno mundo incongruente” (RAMOS, 2008, p.17).

³ Prêmio Lima Barreto conferido a *Angústia* em 1937; prêmio de literatura infantil do Ministério da Educação conferido a *A Terra dos meninos pelados* em 1938; prêmio Felipe de Oliveira pelo conjunto de obras em 1944; prêmio da fundação norte-americana William Faulkner conferido a *Vidas Secas* como o livro representativo da literatura brasileira contemporânea em 1962.

Ao fazer uso da escrita como uma linguagem, Graciliano Ramos pode expressar suas angústias, suas fantasias, seus personagens e a si mesmo. Pode tramar palavras e compor história. Pode habitar o papel, colocar coisas próprias nele, pode, enfim, deixar sua marca.

Referências

CHEMAMA, Roland. *O demônio da interpretação*. In Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano. Porto Alegre: CMC Editora, 2002.

FRAGELLI, I. K. Z. (2002) A relação entre escrita alfabética e escrita inconsciente: um instrumento de trabalho na alfabetização de crianças psicóticas. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

LACAN, Jaques (1959-1960). O Seminário, livro 7. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

LERNER, A. B. C. (2008). A escrita e a psicose na criança: uma proposta de tratamento. In: Estilos da Clínica, Vol. XIII, n. 25, p 138-153.

POMMIER, Gérard. (1996). Nacimiento y renacimiento de la escritura. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

RAMOS, Graciliano. Infância. 1 ed. – Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

REGO, Claudia de Moraes. (2006). Traço, letra, escrita: Freud, Derrida, Lacan. Rio de Janeiro: 7Letras.

RODULFO, Ricardo. (2004). Desenhos fora do papel: da carícia à leitura-escrita na criança. São Paulo: Casa do Psicólogo.

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal. A produção escrita de sujeitos em estruturação psíquica singular: para além das letras. Dissertação de mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

WRITING AS THE SUBJECT OF FOOTPRINT

SUMMARY:

This writing aims to think, based on an outline of the literary work "Childhood", from Graciliano Ramos, the place that the learning of writing may have for the subject. Since psychoanalysis, learning to write is not just to learn a technique that makes a sound correspond to a sign. There is a subjective way to go. The subject is constituted from the psychological footprint marked in himself and it is from these footprints he will mark the paper. Graciliano, while making use of writing as a language, can express his own anxieties, his fantasies, his characters and himself. Can compose words and stories. Can inhabit the paper, put own things on it, may ultimately make his footprint.

KEYWORDS: writing, childhood, written unconscious literature, education

L'ÉCRITURE COMME LA MARQUE DU SUJET

RESUMÉ:

Cette écriture a pour objectif penser, sur la base des grandes lignes de l'œuvre littéraire «Enfance», de Graciliano Ramos, la place que l'apprentissage de l'écriture peut avoir pour le sujet. Depuis la psychanalyse, apprendre à écrire ne s'agit pas seulement d'apprendre une technique qui rend un son à un signe. Il ya une façon subjective d'y aller. Le sujet est constitué à partir des marques psychiques, et c'est a partir de ces marques, qu'il marquera le papier. Graciliano, tout en faisant usage de l'écriture en tant que langage, peut exprimer ses inquiétudes, ses fantasmes, ses personnages et lui-même. Il peut composer des mots et des histoires. Il peut habiter le papier et y mettre les choses de lui même. Il peut y laisser une marque.

MOTS-CLÉS: écriture, enfance, écriture inconsciente, littérature, éducation

Carla Cervera Sei

Recebido em: 17-07-2014

Aprovado em: 09-10-2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista